



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

LIGIA MARIA BESERRA LIMA DE OLIVEIRA

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CAJAZEIRAS - PB

2009

LIGIA MARIA BESERRA LIMA DE OLIVEIRA

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Plena em Pedagogia
do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal
de Campina Grande, como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.**

Orientadora: Professora Dr^a Risomar Alves dos Santos.

CAJAZEIRAS - PB

2009



0482a Oliveira, Lígia Maria Beserra Lima de.
Avaliação de aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental / Lígia Maria Beserra Lima de Oliveira.-
Cajazeiras, 2009.
35f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Aprendizagem educacional. 2. Avaliação educacional.
3. Prática avaliativa. I. Santos, Risomar Alves dos. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.015.3

LIGIA MARIA BESERRA LIMA DE OLIVEIRA

**AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

APROVADA EM 27/02/09



Prof.ª Dra. Risomar Alves dos Santos.
Orientadora

Cajazeiras – PB

2009

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, pelo seu infinito amor, discernimento, tranquilidade e força que nos foi concedida nas horas difíceis e, principalmente por perceber que nunca me abandonaste.

Aos meus pais, José Ribeiro e Maria Auxiliadora – *in memoriam* – pela longa espera e compreensão durante nossas vidas. E aos irmãos, que sempre acreditaram em mim.

Ao meu esposo Euzébio, pela forma carinhosa que sempre me tratou, pelos momentos de preocupação e alegrias, de companheirismo, de cumplicidade e de estímulo para que eu não desistisse diante dos obstáculos que ocorreram. Se hoje estou aqui, agradeço muito a você.

Aos meus filhos, Lillianne, Euzébio Segundo e Ligianne, o amor e compreensão de vocês foram fundamentais para que eu conquistasse esse sonho. Muito obrigado!

Aos professores e funcionários, muito vocês contribuíram. Guardarei recordações das pessoas especiais, das que se preocupam e lutam por uma sociedade mais soberana. Isto é fazer Educação.

RESUMO

A avaliação escolar continua a ser considerada um processo complexo e, por isso, passível de várias reflexões. Este estudo compõe-se de uma pesquisa bibliográfica referente ao tema *avaliação escolar* que tem por objetivo responder a uma série de considerações acerca dos elementos que caracterizam a prática avaliativa na escola. Para tanto, foram utilizados a observação em sala de aula e aplicação de dois questionários: um direcionado aos professores, constituído de oito questões e outro direcionado aos alunos do quarto ano, constituído de quatro quesitos. Para a análise das respostas obtidas, foram utilizadas informações acerca de conceitos e perspectivas existentes à luz de teóricos como Luckesi (2006), Hoffmann (1995), Lima (1994), Freire (1979) entre outros que se dedicaram a esta causa. As teorias destes autores mostram caminhos para esclarecimentos das demandas que permeiam os estudos sobre a avaliação escolar numa perspectiva transformadora dos métodos avaliativos. Conferir somente a escola o papel e a responsabilidade, culpando-a pelos tropeços do processo avaliativo é acreditar que a educação está desvinculada do ambiente social. Nesta perspectiva, considera-se de grande relevância a prática em sala de aula das teorias sobre a avaliação em sala de aula, para que se torne possível os educadores espalharem frutos que terão como conseqüência maiores conhecimentos e melhor aprendizagem.

Palavras-chaves: educação, avaliação, aprendizagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
01 CONCEPÇÕES SOBRE A AVALIAÇÃO	11
01.1 A AVALIAÇÃO DIANTE DA PRÁTICA DOCENTE	15
02 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	20
03 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	22
04 RELATO DO ESTÁGIO	26
05 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
06 REFERÊNCIAS.....	33
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A compreensão acerca do processo avaliativo em consonância com a articulação ao projeto pedagógico é base fundamental para a educação e se constitui um dos grandes desafios para os que estão imbuídos na tentativa de promover uma educação de qualidade para todos.

Embora se tenha desenvolvido, com o passar dos anos, uma propagação dos estudos e pesquisas acerca da temática supracitada em vistas ao desmembramento das dificuldades por parte da real função deste processo para a prática educativa e frente a várias teorias lançadas, é relevante a preocupação com os rumos que a avaliação vem tomando nos últimos tempos e as implicações que estas trazem ao processo de ensino-aprendizagem.

Em meio ao processo histórico, é notório que o enfoque dado ao processo avaliativo sofre modificações de acordo com a época e o contexto sócio-econômico e cultural, que por sua vez, interferem diretamente ao interesse e propósitos da sociedade que estabelece os ditames educacionais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001) – PCN's – consideram a avaliação como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem e que esta incide sobre uma grande variedade de aspectos relativos ao desempenho dos alunos, como aquisição de conceitos, domínio de procedimentos e desenvolvimento de atitudes. Mas devem ser avaliados aspectos como seleção e dimensionamentos dos conteúdos, práticas pedagógicas, condições em que se processa o trabalho escolar e as próprias formas de avaliação.

Este documento também ressalta que, é considerada uma escola de qualidade aquela que apresenta baixas taxas de evasão e repetência. O baixo desempenho educacional demonstrados por grande parte dos jovens e crianças que freqüentam as escolas públicas, é resultado de um conjunto complexo de variáveis e elementos, que dificilmente podem ser reduzidos à inexistência de um padrão curricular comum de referência.

As avaliações educacionais têm constatado que são altas as taxas de repetências e baixo os níveis de aprendizado na educação básica. Isso se deve a cultura do exame que é apontada aqui como um fator relevante para a evasão e repetência que levam ao fracasso escolar de muitos jovens.

Zabalza (2006, p.6) ressalta que se a avaliação já é uma questão polêmica hoje em educação, torna-se um tema ainda mais rodeado de dúvidas e questionamentos quando se trata de avaliar na escola, a educação infantil. Durante o processo de avaliação, é importante definir quais tipos de pessoas queremos formar, com que habilidades e para exercer que tipo de papel na sociedade. *"Porém, a avaliação, desde que bem feita, é o principal mecanismo de que os professores dispõem para levar a bom termo o seu trabalho"*. Em alguns casos, as práticas de avaliação revelaram-se negativas, ou porque foram mal realizadas ou porque faltou uma orientação mais clara por parte dos envolvidos, que a executaram. Portanto, é preciso avaliar, mas é preciso fazê-la bem, tendo em vista a melhoria do processo educativo.

Embora se desenvolvam tantos estudos em busca da melhoria da qualidade de ensino e, conseqüentemente, da avaliação, diversos autores percebem a realidade existente no sistema educacional brasileiro, com problemas de avaliação que interferem no ensino-aprendizagem. Ainda se concebe escolas e educadores que utilizam da arrogância e crueldade do autoritarismo e que fazem uso do processo avaliativo como elemento de medida, exclusão e seleção de alunos. No entanto, são as diversas teorias e suas contribuições que condizem a avaliação a tornar-se um processo mais consciente e responsável dado o fato, que cada teoria apresenta aspectos norteadores próprios, baseados em experimentações diversas.

Assim, compreendemos que cada sala de aula é um espaço privilegiado onde o professor pode fazer da avaliação um instrumento de verificação, qualificação e apreciação. Nessa visão, a avaliação para Loch (2003, p.134) é parte do ato educativo e do processo de aprendizagem. *"Avalia-se, para diagnosticar avanços e entraves, para intervir, agir problematizando, interferindo e redefinindo os rumos a serem percorridos"*.

Mas, ainda existem entidades educacionais que baseiam o processo educativo não apenas em resultados, mas numa avaliação contínua, com o objetivo de levar o aluno a participar ativamente das aulas, dos trabalhos escolares, dialogando, interagindo, o que com certeza, proporciona uma aprendizagem mais rápida e eficaz. Ao contrário, a avaliação trabalhada na função classificatória se torna uma arma poderosa nas mãos de quem quer oprimir o outro, já que quando reprova, atinge violentamente a auto-estima do

aluno, ficando este, taxado de incapacitado, e conseqüentemente, essa condição poderá levá-lo a infelicidade, ao sentimento de inferioridade e desânimo, tendendo à evasão. Porém, convém salientar que, apesar das discussões em torno e sobre novas formas de avaliar, observa-se ainda muita resistência dos professores a mudanças.

A avaliação deveria tornar-se um processo contínuo, participativo e investigativo, cujas informações propiciassem o redimensionamento da ação educativa, a ser desencadeada junto aos professores e aos alunos, produzindo um envolvimento da comunidade escolar.

Em vista ao que foi exposto, o presente estudo buscou responder a pergunta: **como as práticas avaliativas contribuem para o processo ensino-aprendizagem?** E apresenta os seguintes objetivos:

- Reconhecer o sentido da avaliação na melhoria do ensino-aprendizagem;
- Discutir as práticas avaliativas a fim de tornar a avaliação mais viável e construtiva;

Este trabalho é composto de uma parte introdutória, um capítulo teórico que trata de **concepções sobre avaliação**, as quais serão apresentadas sob a visão de diversos teóricos, como Luckesi (2000), Hoffmann (1995) entre outros. O segundo capítulo contempla os aspectos relacionados à relação entre o **professor e a avaliação da aprendizagem**, ressaltando o papel do professor como facilitador de uma avaliação mais justa. Uma parte metodológica em que apresento o percurso de sua construção, um capítulo de análise em que são apresentados os resultados alcançados a partir da pesquisa de campo em confronto com o referencial bibliográfico estudado, uma análise do estágio realizado na Escola Estadual de Ensino Infantil e Fundamental Janduy Carneiro e as considerações.

1 CONCEPÇÕES SOBRE AVALIAÇÃO

Um dos grandes desafios a ser enfrentado pela escola, pelos profissionais que nela atuam e que envolve diretamente o processo de ensino-aprendizagem continua sendo a avaliação.

Diante desse contexto educacional a avaliação escolar vem sendo objeto de constante pesquisa e estudos no sentido de se discutir as especificidades, impasses, perspectivas e dificuldades que perpassam essa atividade, tendo em vista que a prática avaliativa ainda tem por base notas e com isso o aluno busca consegui-las de qualquer maneira, porque é o que lhe interessa para que seja aprovado. A avaliação não pode, funcionar como uma prática restrita à atribuição de notas ou apenas servir de mensuração para a aprendizagem.

Frente a este contexto, Luckesi (2000) coloca que a característica que de imediato se evidencia é de que a avaliação da aprendizagem ganhou um espaço tão amplo nos processos de ensino que a nossa prática educativa escolar passou a ser direcionada por uma pedagogia de exames e não por uma pedagogia do ensino-aprendizagem.

A avaliação deve ser compreendida como um mecanismo de aprender, que tenha por objetivo principal diagnosticar dificuldades do processo de transmissão /aquisição do conhecimento, para se tomar decisões acerca da próxima etapa.

Atualmente é constante o estabelecimento de discussões acerca do ensino, tendo em vista a baixa qualidade da educação básica brasileira, que por sua vez, passa por grandes dificuldades com a má qualificação de alguns professores, sucateamento de escolas, o que gera conseqüências como altos índices anuais de repetência e evasão escolar.

Desde 1996, quando a Lei de Diretrizes e Bases estabeleceu as normas fundamentais da educação nacional, fala-se no fim da repetência escolar – uma das principais causas da evasão – e na adoção do sistema denominado progressão continuada. Para a secretária de Ensino Básico do Ministério da Educação (MEC) Maria do Pilar Lacerda Almeida e Silva, este sistema não

significa aprovação automática, como está sendo entendido por vasta parcela da população.

Aprovar estudantes que nada aprenderam em um ano de estudo para uma série seguinte é uma política tão excludente quanto o modelo atual, de repetência de ano, pois ambos, mais cedo ou mais tarde, vão levar o aluno a abandonar a escola. O objetivo da progressão continuada é permitir que os professores concentrem esforços nas deficiências dos alunos desde as primeiras semanas de aula, impedindo assim, de forma natural, a reprovação (SÉRGIO, 2007, p. 2.)

Na tentativa de entendermos a prática de avaliação nas escolas, consideramos necessário discutir em torno do processo ensino-aprendizagem, na possibilidade de refletirmos sobre novas alternativas de significação dessa avaliação e os meios adequados para realizá-la numa perspectiva construtiva e libertadora.

As propostas curriculares atuais, bem como a legislação vigente, primam por conceder uma grande importância à avaliação, reforçando que ela deve ser: contínua, formativa e personalizada, concebendo-a como mais um elemento do processo de ensino aprendizagem, o qual nos permite conhecer o resultado de nossas ações didáticas e, por conseguinte melhorá-las.

Analisando-se as propostas pedagógicas de algumas escolas, seus planos escolares, e em contato com alguns professores, pode-se afirmar que a prática avaliativa colocada por Sérgio (2007) encontra-se presente na concepção da maioria dos professores.

Estas idéias, presentes no papel e no discurso formal de muitos docentes, precisam concretizar-se e desenvolverem-se para modificar as práticas cotidianas, as quais, muitas vezes, divergem do discurso, para uma avaliação inovadora que traga um aumento na qualidade do ensino. Neste sentido, se faz necessário uma reflexão mais profunda sobre a prática avaliativa nas escolas, com vistas a aperfeiçoar as que caminham numa perspectiva de redefinir, consciente ou inconscientemente, práticas punitivas e inibidoras da evolução da aprendizagem. Diante de tal situação, Gimeno (1995) afirma que,

[...] quando avalia, o professor o faz a partir de suas concepções, valores, expectativas e também a partir das determinações do contexto institucional que muitas vezes nem ele próprio tem muita clareza ou mesmo sabe explicar estes dados considerados na avaliação dos alunos.

As avaliações realizadas nas escolas decorrem de diversas concepções, das quais nem sempre se tem clareza dos seus fundamentos. O sistema educacional apóia-se na avaliação classificatória com a pretensão de verificar a aprendizagem através de medidas de quantificações. Este tipo de avaliação pressupõe que as pessoas aprendam do mesmo modo, nos mesmos momentos e tenta evidenciar competências isoladas, ou seja, algumas pessoas, que por diversas razões têm maiores condições de aprender, aprendem mais e melhor. Outras, com características, que não respondem tão bem ao conjunto de disciplinas, aprendam cada vez menos e são muitas vezes excluídas do processo de escolarização.

Avaliar exige, antes que se defina aonde se quer chegar, que se estabeleçam os critérios, para em seguida, escolherem os procedimentos, inclusive aqueles referentes à coleta de dados, comparados ao contexto e a forma em que foram produzidos. Nesta perspectiva, Moreno (2006) enfatiza que:

As estratégias de avaliação utilizadas pelo professor têm um papel crucial, já que constituem fortes indicações do que os adultos esperam das crianças. A avaliação é parte integrante e indispensável da aprendizagem. Por isso, deve ser feita toda vez que um aluno toma a palavra, lê, ouve ou produz um texto no âmbito de uma atividade determinada. (p. 13;14).

É perceptível que se faz necessário um acompanhamento em todas as atitudes das crianças, um diagnóstico, para perceber os seus avanços e dificuldades, para que o professor possa agir em prol da melhoria da aprendizagem. Complementando o pensamento anterior, Hadji (1990, p. 14) afirma que *"A avaliação não deveria ser considerada como uma simples atividade, mas sim como um procedimento que desenvolve em diferentes*

planos e instâncias a fim de distinguir diferentes aspectos da leitura e produção de textos”.

Desta forma, a partir da observação direta da atividade de uma criança percebe-se o seu desenvolvimento e, diante de tal situação deve-se diversificar as estratégias avaliativas, para que surjam oportunidades nas quais os alunos revelem seu nível de construção e de aplicação de competências .

Segundo Luckesi (2000), a avaliação pode ser caracterizada como forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou transformá-lo. A definição mais comum encontrada nos manuais, estipula que a avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão, como é o caso do processo ensino-aprendizagem.

Luckesi (1998) enfatiza que com a função classificatória, a avaliação constitui-se em um instrumento estático e do processo de crescimento, com a função diagnóstica, ao contrário, ela constitui-se em um momento dialético do processo que avança no desenvolvimento da ação, do crescimento para a autonomia e para a competência. Como diagnóstica, ela será um momento dialético do ponto em que se está e de sua distância em relação à perspectiva a ser atingido à frente. A função classificatória subtrai da prática da avaliação aquilo que lhe é constitutivo, a obrigatoriedade da tomada de decisão quanto à ação.

Hoffmann (2007) diz que, o processo avaliativo, embora ainda preso a formas e modelos tradicionais, nos quais o que importa é sublinhar o olhar valorativo do professor que mensura, avalia e julga o grau de aprendizagem do aluno, pode oferecer uma alternativa progressiva, se mudar de linha de pensamento. Para a autora, o processo avaliativo poderia construir a interdisciplinaridade na produção do conhecimento na escola e, assim, fornecer ao aluno condições para que possa crescer e avançar no processo de aprendizagem.

Libâneo (1984) define a avaliação da aprendizagem como um ato amoroso, no sentido de que esta, por si, é um ato acolhedor, integrativo e inclusivo, que tem por base acolher uma situação, para ajuizar a sua qualidade, tendo em vista dar-lhe suporte de mudança se necessário. A avaliação, como

ato diagnóstico, tem por finalidade a inclusão. O diagnóstico tem por objetivo tomar decisões no sentido de criar condições para a obtenção de uma maior satisfação daquilo que se esteja buscando ou construindo.

Assim, podemos entender a avaliação da aprendizagem escolar como processual, na medida em que tem por objetivo diagnosticar e incluir o educando, pelos mais variados meios, no curso da aprendizagem satisfatória, que integre todas as suas experiências de vida.

1.1 A Avaliação diante da prática docente

Muitos são os pensadores imbuídos na tentativa de desmistificar a avaliação e transformá-la em parte integrante e importante do processo de ensino aprendizagem, como bem nos fala Perrenoud (1999, p. 165) "*O importante não é fazer como se cada um houvesse aprendido, mas permitir, a cada um aprender*".

Neste sentido, pensar a avaliação de forma a superar a sua visão estática e classificatória, significa pensar no processo de ensino-aprendizagem como um todo, fazê-lo trabalhar a favor da permanência do aluno no sistema de ensino, diminuindo o fracasso e a evasão, buscando uma aprendizagem efetiva e significativa.

Frente a uma visão tradicionalista, a avaliação classificatória assume o seu papel excludente, ao passo que classifica os indivíduos como capazes ou incapazes para prosseguir, baseados tão somente em um único momento do processo de ensino.

Este fato é fundamentado na idéia de que nas escolas, de maneira geral, há grande preocupação com nota ou conceito atribuído ao aluno. Ligada diretamente a aprovação ou reprovação destes, a nota acaba se tornando um fim em si mesma, ficando distanciada em relação às situações de aprendizagem.

Diante das funções ora ressaltadas acerca do processo avaliativo, é notório que a prática de educadores em sala de aula, diverge da teoria, revelando um modelo de escola que não se preocupa com a construção de

conhecimentos, mas que desenvolve uma proposta educacional fundamentada numa visão classificatória apregoada pela sociedade capitalista. O fenômeno é encarado como uma demonstração prática ou mesmo um sério indício, de que também pode haver sérios problemas nas escolas, no sistema educacional.

Se o professor se coloca como o maioral, quem determina o que pode ser feito ou excluído, a avaliação acaba sendo, de alguma forma, um objeto através do qual ele mantém sua superioridade e seu domínio sobre os alunos. A concepção de educação e de avaliação encontra-se assim, estreitamente vinculada. Neste sentido, o posicionamento de Castelo (1974) a este respeito é:

Avaliar é julgar, mas não deve confundir com aferir e medir. Enquanto medir significa essencialmente comparar alguma coisa com uma unidade padronizada, envolvendo, portanto um aspecto quantitativo, avaliar implica em fazer julgamento sobre o resultado da medida, já agora em caráter qualitativo. [...] avaliar implica em estabelecer relações ao passo que medir é apenas constatar alguma coisa. Quase sempre a medida é o fato inicial, a base concreta de uma avaliação (p.73).

As provas e testes na verificação da aprendizagem têm se prestado à função de medir seus resultados ao final de determinada etapa do processo de ensino. A avaliação não pode funcionar como uma prática restrita à atribuição de notas ou apenas servir de mensuração para a aprendizagem. Ela deve ser compreendida como um mecanismo de aprender, diagnosticar as dificuldades do processo de transmissão e aquisição do conhecimento, buscar as falhas para tomar decisões acerca da próxima etapa do processo.

Não é suficiente, portanto, medir a quantidade de informações que o aluno conseguiu reter até o momento da prova. As informações são válidas a partir do momento em que contribuem para o crescimento e atualização do indivíduo em seu meio.

É notável a conseqüência causada à auto-estima de alunos ocasionada por sentimentos de incapacidade e inadequação. A solução não é construir escolas para abrigar o fracasso escolar sem cuidar da qualidade do trabalho que será realizado dentro delas, haja vista, a necessidade de entender que a

função principal da escola é ensinar e que, portanto, o resultado que deve ser esperado e cobrado é a aprendizagem do aluno.

Sendo a avaliação escolar um reflexo daquilo que foi vivido pelos próprios educadores, está diretamente relacionada a uma visão quantitativa, classificatória e a dicotomia erro/acerto. Contraindo-se a esta visão, Gadotti (1984 apud HOFFMAN, 1995, p. 17), enfatiza que *“Educar é fazer ato do sujeito, é problematizar o mundo em que vivemos para superar as contradições, comprometendo-se com esse mundo para recriá-lo constantemente”*.

Nesta perspectiva é notório a necessidade de uma modificação da própria forma de pensar dos educadores para que estes possam refletir sobre sua prática avaliativa tendo em vista a descoberta de novos conhecimentos referentes a forma de como avaliar para proporcionar uma maior participação dos educandos e, conseqüentemente uma educação eficaz. Diante de tal situação Hoffmann (1995) afirma que,

A avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação essa, que nos impulsiona à novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade e acompanhamento passo a passo do educando na sua trajetória de construção do conhecimento. Um processo educativo, através do qual educando e educadores aprendam sobre si mesmos e sobre a realidade escolar no ato próprio da avaliação (p. 18).

É necessário, portanto, questionar a escola e todo o sistema educacional, pois se deve lançar um olhar ao ambiente educacional do aluno, ao seu contexto familiar e social e não apenas sobre ele próprio.

A avaliação escolar, segundo Vasconcelos (1994), cumpre três funções: pedagógico-didática, diagnóstica e de controle. A primeira das funções refere-se ao cumprimento dos objetivos gerais e específicos da educação escolar, mas não é suficiente para que o professor construa seu modelo de atuação apenas em cima de seus conceitos. É importante considerar os conhecimentos prévios dos alunos, na tentativa de como estes concebem tais conhecimentos,

[...] o conhecimento não tem um fim em si mesmo, deve ajudar a compreender o mundo, e nele intervir. Assim sendo, compreendemos que a principal finalidade da avaliação no processo escolar é ajudar a garantir a construção do conhecimento e a aprendizagem por parte dos alunos (p. 46).

Atualmente, a avaliação assumiu novas funções, tornando-se um meio de diagnosticar e de verificar em que medida os objetivos propostos para o processo ensino-aprendizagem está sendo atingido. Portanto, a avaliação assumiu uma dimensão orientadora, como diz Saul (1995),

A avaliação é dimensão do ato de conhecer, e, portanto, fundamentalmente compromissada com o diagnóstico do avanço do conhecimento quer na perspectiva de sistematização, quer na produção do novo conhecimento de modo a se constituir em estímulo para o avanço da produção do conhecimento (p. 61).

Neste sentido, Luckesi (2006), faz uma distinção entre julgamento e avaliação, diz que o julgamento define uma situação, do ponto de vista do sim e do não, do certo e do errado; a avaliação acolhe alguma coisa, ato pessoa ou situação, reconhece-a como diagnóstico para agir. Na avaliação não há seleção e exclusão, o seu objetivo é intervir para melhorar. Ele então corrobora com Libâneo (1984) quando este define a avaliação da aprendizagem escolar como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação por si é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo. Tem, portanto, a função de diagnosticar, acolher e reincluir os educandos pelos mais variados meios, que contribuem para melhorar a aprendizagem, possibilitando uma integração de todas as experiências de vida.

Por isso, a avaliação deve ser um meio pelo qual seja possível estimular o aluno a alcançar um estágio adequado de desenvolvimento intelectual sem que seja necessário utilizar mecanismos coercitivos ou castigá-lo por não ter aprendido. Entretanto, o professor poderia saber como conduzir o processo de ensino-aprendizagem de forma a estimular o aluno a aprender o que não foi ainda aprendido. Segundo Luckesi (1998), a avaliação da aprendizagem tem por objetivo:

[...] auxiliar o educando no seu crescimento e por isso mesmo, na sua integração consigo mesmo, ajudando-o na apropriação dos conteúdos significativos (conhecimentos, habilidades, hábitos, convicções). A avaliação aqui apresenta-se como meio constante de fornecer suporte ao educando no seu processo de assimilação dos conteúdos e no seu processo de constituição de si mesmo como sujeito existencial e como cidadão (p.174).

Diante deste contexto, o autor considera a avaliação da aprendizagem como um instrumento que poderá promover o progresso do educando, prestando a devida atenção nas suas diversas aprendizagens, auxiliando-o na sua formação integral. Sendo assim, Luckesi (1998) propõe uma avaliação diagnóstica, a qual avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões satisfatórias para que ele possa avançar em seu processo de aprendizagem.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Considerando o método como o articulador entre uma teoria e a realidade empírica na construção do conhecimento científico, o estudo deve comportar técnicas que favoreçam um instrumento claro, capaz de ir além dos empecilhos para o desafio da prática. Além das contribuições teóricas, é importante relevar que o potencial criativo do pesquisador é fundamental para o êxito do processo investigativo (MINAYO, 2004).

O trabalho em questão trata de uma pesquisa cujo enfoque é quanti-qualitativo. A parte quantitativa refere-se à análise das questões objetivas presentes no questionário. Enquanto que a parte qualitativa analisará o conteúdo apreendido por meio das questões subjetivas que, juntamente às objetivas, compõem o instrumento de coleta. Neste sentido, optou-se por uma metodologia que, segundo Minayo (2004), incorpora o significado e a intencionalidade inerentes aos atos, às relações e as estruturas sociais. A investigação qualitativa trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Segundo essa autora, o principal material de investigação qualitativa é a palavra que expressa a fala cotidiana nas relações afetivas e técnicas.

A realização deste estudo acerca da Avaliação deu-se a partir da necessidade de se estabelecer um panorama do objeto de estudo, ou seja, uma aproximação com o tema para conhecê-lo e melhor analisá-lo.

Desta forma, a pesquisa de cunho exploratório foi feita através da participação de alunos e professores, permitindo ao investigador um contato mais próximo com o fenômeno em estudo, ou seja, com o processo avaliativo desenvolvido em sala de aula, que tem a finalidade de descobrir previamente os níveis de informações dos envolvidos e com estes contribuir para o processo de ensino-aprendizagem. Para Gonsalves (2001):

A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de idéias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação ao que vai ser explorado [...] a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno,

considerando o significado que os outros dão às suas práticas (p. 64 e 68).

Quanto aos procedimentos de coleta para a pesquisa de campo, foram coletadas informações diretamente com a população pesquisada, ou seja, 14 alunos e três professoras. Para tanto, foi utilizado o questionário composto por perguntas subjetivas e objetivas, de modo a promover uma captação de informações para a análise de dados.

A pesquisa teve como objeto de estudo o desenvolvimento da avaliação no processo ensino-aprendizagem. Para tanto, foram observados os trabalhos de uma professora e seus alunos em sala de aula na Escola Estadual de Ensino Infantil e Fundamental Janduy Carneiro na cidade de Cajazeiras - PB.

A escola supracitada funciona em dois turnos, atendendo a comunidade oriunda do Bairro Cristo Rei e adjacências. No turno da manhã funcionam quatro turmas do ensino infantil e fundamental, bem como reforço referente ao atendimento de estudantes do turno vespertino; à tarde funcionam três turmas do ensino fundamental e também o reforço às crianças do turno matutino. A Escola é constituída, ao todo, por 106 alunos, sete professores e 10 funcionários.

Quanto à estrutura física, a escola possui quatro salas de aula, uma sala de vídeo, sala de professores, diretoria, secretaria e biblioteca. Possui também cantina e sala de recursos, na qual funciona o reforço, e um pátio com sombra de plantas para que as crianças divirtam-se no intervalo. Tudo em bom estado de conservação, limpeza e iluminação.

Os dados coletados, por meio de questionário semi-aberto aplicado às professoras das séries iniciais e aos alunos do quarto ano do Ensino Fundamental, permitiram a obtenção de respostas mais livres como também foram realizadas atividades em sala de aula. Estes dados foram analisados tendo por base estudos teóricos que contribuíram na compreensão e interpretação do fenômeno em estudo.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Através de um questionário relacionado à avaliação, tivemos o posicionamento de três professoras da E.E.E.I.F. Janduy Carneiro. Inicialmente, as professoras foram questionadas quanto a sua visão sobre avaliação educacional no Brasil.

Nas respostas foi interessante observar que todas afirmaram da importância e necessidade de se desenvolver uma avaliação no processo ensino-aprendizagem, mas enfatizaram que esta não funciona e apresentam diversos fatores negativos que a qualifica como deficitária, conforme uma das entrevistadas.

Acho que a educação brasileira deve ser melhorada, os educadores devem investir mais em si e procurar novas formas de acabar com as deficiências dos educandos, mas para isso precisamos da ajuda do governo. (Professora 1).

Frente a esta idéia, cabe-nos lembrar o posicionamento de Lima (1994, p.94) quanto ao ato de avaliar:

O processo avaliativo, como é praticado no Brasil (e possamos dizer em quase todo o mundo) necessita buscar novos paradigmas que transformem as percepções de nossa própria cultura até o que julgar, para julgar, como julgar e com que instrumento julgar. Em última instância, retomar os processos escolares como processos pedagógicos numa visão mais ampla e complexa.

As educadoras estão cientes das dificuldades encontradas no desenvolvimento do processo avaliativo, principalmente pelo fato da prova representa, para alguns, um instrumento de autoritarismo que, por provocar um certo temor em alguns alunos, não mensura nem quantitativa nem qualitativamente o conhecimento apreendido por eles. Tem-se, então, o posicionamento de uma professora ao ser questionada sobre o que fazer quando a maioria dos alunos não atinge a média por meio de uma prova: *"Procuro outra forma de avaliar."* (Professora 1).

Entendendo-se que a avaliação vai além da prova indagou-se às professoras, quais seus objetivos ao executar uma prova escrita. Duas delas responderam que avaliam com o objetivo de reconhecer se os alunos foram capazes de assimilar o conteúdo exposto, como podemos constatar na fala: *“Socializando e analisando as atividades aplicadas considerando suas pertinências para o desenvolvimento das capacidades. Fazer um diagnóstico.”* (professora 2)

Com este objetivo definido, as professoras foram questionadas com relação a suas atitudes diante das notas baixas adquiridas pelos alunos. É interessante destacar que todas as participantes divergiram em seus posicionamentos, no entanto, de posse dos resultados negativos, o próximo passo seria a retomada do processo educativo, de modo a estabelecer novas metodologias para retrabalhar os conhecimentos não assimilados, como bem destaca a professora 2: *“Faço um diagnóstico e realizo outros meios que possa trazer bons resultados”*. Esta fala vai ao encontro do que foi dito por Hoffmann (2007, p.18):

A todo instante em que se fala sobre avaliação da aprendizagem, é impossível deixar de repensar os problemas existentes em salas de aula, as posturas educativas e a reconstrução das práticas avaliativas.

Questionou-se também a respeito do papel do professor em sala de aula. E apesar de está diante de tantos entraves, o posicionamento de duas professoras foi de avaliar o aluno, entendendo que se faz necessário facilitar o seu aprendizado, acompanhando-os de modo permanente: *“O papel do professor é avaliar cada momento que se passa em sala, cada pergunta, resposta, dúvida...”* (professora 3). Esta resposta lembra o que bem ressalta Moreno, (2006: p. 14); *“A avaliação é parte integrante e indispensável da aprendizagem. Por isso deve ser feita toda vez que o aluno toma a palavra, lê, ouve ou produz um texto...”*.

Neste sentido, Hoffmann (2007, p. 36) enfatiza que:

Não se oportuniza a tomada de consciência do aluno sobre seus processos de aprendizagem, senão pela ampla oportunidade de expressão de pensamento, sobretudo em relação a si próprio, aos seus sentimentos e sobre suas expectativas em relação ao ambiente escolar.

Diante desta situação percebe-se a importância de uma avaliação contínua, valorizando todos os conhecimentos prévios e os avanços do aluno. Para tanto, os educadores precisam reconhecer que a avaliação exige uma competência especial dos profissionais da educação (ZABALZA, 2006).

Os tipos de avaliação apresentados pelas professoras, vão desde provas escritas até a observação do desenvolvimento de atividades cotidianas, com isso percebe-se que as professoras envolvidas na pesquisa agem sem divergências na sua prática avaliativa, e buscam o ideal de professor facilitador da aprendizagem.

Ao concluir o questionamento direcionado às professoras, algumas indagações foram feitas aos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, a fim de perceber seus posicionamentos e sensações a respeito da avaliação.

Inicialmente foi-lhes perguntado de que forma a professora os avaliava. Suas respostas divergiram, no entanto, não era notável qualquer aspecto de nervosismo por parte deles, apenas euforia em responder.

Três dos alunos pesquisados ao serem perguntados sobre qual tipo de avaliação realizam, assinaram as alternativas: individual; equipe; em todas as atividades; provas com datas marcadas; provas surpresas; provas e exercícios.

Diante desta situação é perceptível que a professora preocupa-se com o desenvolvimento do seu alunado, praticando uma avaliação contínua, na sua ação cotidiana em sala de aula, valorizando o trabalho coletivo, a maneira dos alunos se relacionarem com os outros, seus erros, acertos e atitudes positivas.

Na concepção de Hoffmann (1995), é necessário que o aluno seja acompanhado na sua atividade de construir o conhecimento e também para perceber se há necessidade de algum reforço para a sua aprendizagem. A autora chama atenção para a questão de não se respeitar às diferenças individuais dos alunos. Cada aluno tem seu ritmo próprio de aprendizagem, de aquisição de conhecimento. É notório que uma pessoa atendida de forma respeitosa, adequada, com certeza desenvolve-se melhor. É preciso, portanto,

que o professor desenvolva um processo de avaliação em que as diferenças sejam respeitadas.

Em seguida, os alunos foram indagados quanto ao procedimento da professora ao marcar a data da prova. O aluno de nº 11 assinalou somente uma alternativa: "*marca os conteúdos para a prova*". Embora este aluno tenha divergido dos demais colegas, por terem assinalado mais alternativas, ele não entrou em contradição consigo próprio considerando as demais respostas. Todavia, é perceptível que a professora não realiza as avaliações somente desta maneira, como um elemento isolado, mas leva em consideração o comportamento dos alunos.

É interessante relevar o fato de que quando indagados sobre seus comportamentos e sensações ao saber o dia da prova e em estar sendo avaliado, 13 alunos responderam que não teriam qualquer problema, sentiam-se bem.

Diante do exposto, parece que aconteceram transformações nos procedimentos da avaliação utilizados pelos professores e que, apesar de obedecer aos critérios de um sistema rígido, esta condiz a um processo de ensino-aprendizagem. E assim, o professor adquire a função ora de facilitador da aprendizagem, ora de promotor de práticas excludentes.

Nesta perspectiva, Sant'anna (1995, p.13) chama a atenção para o fato de que "[...] avaliar se torne, para o professor e alunos, uma satisfação, um impulso para novas buscas e avaliações e jamais, motivos de frustrações e bloqueio do processo educativo".

É fundamental que os professores não se considerem os donos da verdade visto que esta atitude gera entre educadores e educandos, verdadeiras barreiras e impedimentos quanto ao crescimento mútuo. Como toda mudança requer sacrifícios é fundamental o rompimento com paradigmas anteriores, bem como situar a avaliação em outro contexto pedagógico, colocando-a a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a educação como transformação social.

4 RELATO DO ESTÁGIO

Iniciei o estágio como requisito para o término do curso de Pedagogia e fui bem recebida pelos professores que formam o quadro docente da Escola Estadual de Ensino Infantil e Fundamental Janduy Carneiro e pelos alunos do 4º ano, com os quais eu passaria vinte dias letivos.

A referida Escola funciona em dois turnos: no turno matutino funcionam quatro turmas do Ensino Infantil e Fundamental e o reforço referente ao atendimento a estudantes do turno vespertino; à tarde funcionam três turmas do ensino fundamental e também reforço aos alunos do turno matutino. A Escola é constituída por 106 alunos, sete professores – destes, quatro possuem graduação e três possuem o nível médio como formação pedagógica – dez funcionários – um com formação em nível médio ou pedagógico, seis com nível superior e três com ensino fundamental completo.

Fiquei ansiosa e apreensiva para conviver estes dias com eles para trocarmos experiências vividas no cotidiano. Alguns alunos se apresentaram demonstrando carência de afeto, atenção, respeito e às vezes revelavam em seu comportamento atitudes de rebeldia e agressividade. Diante de tais comportamentos busquei informações a respeito destes alunos e percebi alguns motivos para se comportarem desta forma. Não defini as atitudes agressivas em relação ao outro como um traço natural do ser humano, procurei estabelecer normas para que pudessem conviver em harmonia na classe, tais como cumprimentar uns aos outros, dar um sorriso chegando na sala de aula, esquecer rivalidades, respeitar as diferenças, buscar a amizade deles, incentivar a participação nas aulas e sendo mais atenciosa nos intervalos.

Frisei várias vezes para os alunos a importância do diálogo, da comunicação entre os homens que pode ser praticado em várias dimensões, o que importa é o bom entendimento. Não há dúvida de que um dos objetivos fundamentais da educação é fazer com que o aluno consiga participar do universo da comunicação humana, aprendendo por meio da escuta, da leitura e de outras manifestações.

Antes das aulas de Educação Física, sempre fazia um alerta, para que os alunos se comportassem como verdadeiros competidores, porém amigos,

pois me preocupava com alguns comportamentos conflituosos e tentava convertê-los em atitudes agradáveis.

Durante as explicações em sala de aula, a maioria da turma prestava bem atenção e respondia as minhas indagações com facilidade. No entanto, havia alguns alunos que ficavam como se estivessem distantes, necessitando de várias intervenções, inúmeras pistas, para que o objetivo da aula fosse atingido.

As aulas eram sempre iniciadas revisando o assunto anterior. Penso que assim eu estaria praticando uma avaliação mediadora, favorecendo a troca de idéias entre e com os alunos, produzindo um saber a partir da compreensão dos conteúdos estudados. *“Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo”* (FREIRE, 1979, p.94).

Diariamente fazíamos leitura de textos variados, tendo em vista que ler é sempre uma experiência inesquecível. Acredito que, quanto mais oportunidades os alunos tenham de ler e ouvir, maior será o seu repertório e a sensibilidade para compreenderem tais ações, mesmo sabendo que há algumas crianças que têm acesso ao mundo da leitura e outras não. Isso ficou evidente quando ao levar jornais da cidade para a sala de aula, senti a empolgação deles em ter contato com outros materiais de leitura, principalmente com notícias que tratavam da realidade local. Outro dia levei livros clássicos, várias historinhas e propus que lessem individualmente, de forma silenciosa, como avaliação, solicitei que um lesse e o outro explicasse o que entendera. Desta forma foi ressaltada a leitura, a percepção e a interpretação deles.

Fizemos um treino ortográfico utilizando palavras escritas com *s*, *ss*, *ç*, *l* e *u*, após solicitei que formassem duplas e pesquisassem no dicionário, as palavras que haviam escrito e fizessem as correções. A execução deste trabalho coletivo foi interessante, pois demonstraram envolvimento e interesse. Esta situação levou-me a refletir que a atitude do professor comprometido deve ser de estar em constante busca de aperfeiçoamento, para tentar compreender o porquê dos seus erros e procurar tornar a aula mais significativa.

Em outra aula fizemos a dinâmica da caixinha, contendo perguntas sobre problemas envolvendo fração, conjugação e tempos verbais, expressão oral e para os que respondiam corretamente ganhariam um brinde. Essa

atividade foi estimuladora e motivante para deles. Percebi que alguns ficavam nervosos, com medo de não acertar, mas eu utilizava várias estratégias provocando o raciocínio deles e propiciando a troca de conhecimentos, de idéias, levando o aluno a refletir, explicar e falar como encontrou a resposta, que caminhos percorreu. Penso que assim foi desenvolvida a autonomia e multiplicado o conhecimento dos alunos, além de ser uma aula mais atrativa.

Transmitir os conteúdos referentes à fração foi um desafio, sendo necessário que eu estudasse, até por ter vivenciado a matemática de modo mecânico: estudar-para-passar, decorar fórmulas, regras para fazer uma prova. Hoje percebo que a memorização ainda é uma parte da nossa atuação, e eu necessitava de estratégias para instigar o raciocínio dos alunos, saindo desse tipo de prática.

Em outro dia assistimos ao filme "*A fantástica fábrica de chocolate*", em seguida conversamos, debatemos com o objetivo de contextualizar e ordenar informações, reconhecendo diferenças e semelhanças nas relações sociais e de trabalho, estabelecendo conexões entre fatores sociais, econômicos, culturais e ambientais. Enfatizamos a solidariedade e, como prova que tinham realmente captado a mensagem do filme, cobrei-lhes boas ações durante a semana toda. Na semana seguinte expliquei-lhes que seria interessante que tentassem vivenciar aquela mensagem por toda a vida.

Sabemos que a educação é processo de socialização da cultura, de criação e recriação de saberes e valores, de ampliação do conhecimento. Durante a semana do dia da criança, a professora titular e eu, levamos os alunos à creche, localizada no bairro dos Remédios, para apresentarem duas peças de histórias infantis, para um público de crianças menores. Foi uma ótima maneira de se expressarem através daqueles personagens, trazendo momentos de alegria para a platéia.

Durante as aulas de Ciências, Geografia e História podemos inter-relacioná-las abrangendo conteúdos como meio ambiente e sua preservação. Foi bom perceber e valorizar os conhecimentos e preocupações que os alunos têm relacionados ao futuro do planeta terra e da humanidade.

É importante ressaltar que a escola deve contribuir para que a dignidade do ser humano seja um valor conhecido e reconhecido pelos alunos e estes, propaguem à comunidade familiar, além do que, este tema é de grande

relevância para o ensino de diversas áreas, no convívio escolar, na família e na comunidade.

Durante o estágio, não fizemos provas propriamente ditas, mas os mandava estudar diariamente o conteúdo e no dia seguinte fazíamos exercícios referentes ao assunto exposto, com o objetivo também de avaliar a aprendizagem. Considerando que no ato de avaliar, a responsabilidade é grande, com bem ressalta Melchior (1994, p.54):

A função da avaliação é muito mais ampla do que cumprir, a norma administrativa, [...] O professor necessita organizar instrumentos tão diversificados quantos forem os itens a serem avaliados, em função das etapas do desenvolvimento do processo.

Diante desta situação, a professora titular e eu procuramos realizar uma avaliação menos preocupada com os resultados finais e mais voltada à qualidade do processo ensino, tendo em vista que ela não deve referir-se somente ao que o aluno aprendeu e sim, tentar também detectar o que eles não aprenderam. Portanto, se faz necessário que o professor utilize de instrumentos adequados para que a avaliação leve todos os envolvidos a um crescimento, pois conforme Luckesi (1998, p.52) *“a avaliação deve ser um instrumento auxiliar da aprendizagem e não um instrumento de aprovação e reprovação dos alunos”*.

Este processo deve ajudar tanto ao professor quanto ao aluno a se auto-avaliarem e, em conjunto, encontrarem uma forma de prosseguir, redirecionando a caminhada, quando for necessário. Percebe-se que a avaliação da aprendizagem é complexa, ela busca a formação do ser humano na sua totalidade.

Outro dia levei para a sala de aula uma tarefa ilustrada com problemas de fração bem desafiadores, os alunos ficaram entusiasmados e embaraçados para responderem, principalmente, quando eu demonstrava me comportar utilizando a abordagem tradicional. Só que, apesar desta atitude, não utilizava a avaliação com caráter estático e eliminatório, mas sim, como um método dinâmico, colocando-os a todo instante perante a um processo de ação-reflexão-ação.

Através destas observações, procurei entender o que de fato se efetiva na sala de aula comparando a teoria exposta neste estudo e a prática da professora observada. Muitas vezes, na escola, a avaliação serve de instrumento que regula quem fica e quem passa adiante e, como conseqüência exclui os menos favorecidos. Considerando que este tema é bastante discutido dentro do processo educativo e por muitas vezes pode ser utilizado como instrumento de coerção e controle social, no qual reprovar e punir tornam-se justificáveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da avaliação nas escolas, mais especificamente, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, por muito tempo esteve preso ao estigma de tortura, rotulação, classificação e exclusão social. Muitas são as tentativas de rever estes procedimentos, que concebido de forma desassociada do processo ensino-aprendizagem perde a sua essência e função específica.

Compreender o processo da avaliação na atualidade, requer dos que tem interesse por este assunto, um aprofundamento cada vez mais constante, visto que o papel da escola, com o passar dos anos, foi-se modificando e reestruturando para atender as demandas da sociedade.

Todavia, é importante destacar que, a escola tornou-se um local pouco atrativo para os educandos, por algumas ainda estarem presas ao sistema avaliativo classificatório, provocando repetência, exclusão e, desta forma, a diminuição da escolaridade.

Alguns educadores estão insatisfeitos com este modelo tradicional e buscam, constantemente, mudanças. Tais mudanças já encontram-se presentes em contribuições teóricas, embora ainda não estejam tão presentes na prática. Como bem nos diz Freire (1979), o fato é que o novo ainda assusta e há pessoas que se vêm acuadas quando colocadas frente a mudanças.

Cientes desta necessidade surgem novas pedagogias imbuídas na tentativa de promover um ensino-aprendizagem voltado à construção do conhecimento, com uma avaliação significativa, direcionada para o reconhecimento, o diagnóstico acerca dos avanços e retenções da aprendizagem.

Talvez os instrumentos de avaliação, nesta nova perspectiva, não sejam tão diferentes, todavia, o que faz a diferença é o tratamento dado aos resultados. Só que muitas vezes os alunos sabem mais do que demonstram os resultados apresentados através de uma avaliação.

Em uma perspectiva voltada para o conhecimento, os resultados são altamente significativos, pois serão os instrumentos utilizados para a determinação dos próximos passos no processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, na sua melhoria.

Enfim, cabe a todos os educadores, de acordo com Freire (1979), buscar meios que possibilitem uma avaliação voltada para inserir o aluno na escola de forma prazerosa e orientar os educandos no sentido de articular os conhecimentos de mundo, para que reflitam formando uma consciência crítica e busquem a transformação da realidade.

Antunes (2002, p.15), também preocupado com o tipo de avaliação que é praticado por alguns professores, acrescenta *“acreditamos que a aprendizagem humana somente se processa na medida em que o educando é capaz de construir significados e atribuir sentido ao conteúdo da aprendizagem”*.

Neste sentido se faz necessário uma reflexão, uma discussão sobre qual perspectiva de ensino, qual teoria e método são utilizados pelo professor, tendo em vista que a aprendizagem é um processo construtivo.

Portanto, o desafio proposto à escola, mediante as novas formas de se conceber a função da avaliação, diz respeito à redefinição do processo avaliativo, cujo ponto primordial para o desenvolvimento consiste na reflexão consciente da própria ação pedagógica em que os sujeitos envolvidos diretamente no processo tenham competência crítica e desenvolvam ações conjuntas, no sentido de efetivar um ensino-aprendizagem com qualidade.

6 REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **A avaliação da aprendizagem escolar: fascículo 11/ Celso Antunes.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BRASIL, LDB - **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, nº 9.394.14/12/96.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental.** 3ª ed., vol.1. Brasília: 2001.

CASTELO, M.F.G. *A Didática na reforma do ensino.* In: LEITE, M. Ilza Pinto de Amorim. (Org) **O Imaginário do Professor.** Rio de Janeiro. Francisco Alves Editora. 1974.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1979.

GIMENO, S. J. **El currículum: uma reflexão sobre a prática: 5ª ed.** Madrid, 1995. Disponível em <http://www.centrorefeducacional.pro.br/avaforma.htm>.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica/ Elisa Pereira Gonsalves: Campinas, SP. Editora Alínea, 2001.** Disponível em: <http://www.uff.br>

HADJI, C. *L'évaluation, règles du jeu.* Paris ESF Editeur, 1990. In: **Revista Pátio educação infantil . P : 14 Ano IV N° 10. Março/ Junho 2006.**

HOFFMANN, J.M.L. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade .** Porto Alegre: Mediação, 1995.

_____. **O Jogo contrário em avaliação.** 3º ed. Editora Mediação. Porto Alegre, 2007.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos.** São Paulo: Loyola, 1984.

LIMA, A. O. **Avaliação escolar: julgamento ou construção.** Petrópolis, RJ. Vozes, 1994

LOCH, J. M. P. *Avaliação na escola cidadã.* In: ESTEBAN, M. T. (Org). **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos.** Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

LUCKESI, C.C. *Avaliação da Aprendizagem escolar.* In: EIDELWEIN, Mônica Pagel. (Org). **A Avaliação e o redimensionamento da ação pedagógica.** p. 75,76. 7ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 1998.

_____. **Avaliação da Aprendizagem escolar.** 10ª ed. SP: Editora Cortez, 2000.

_____. *O objetivo de avaliar é intervir para melhorar.* In: **Revista Nova Escola.** Abril de 2006.

MELCHIOR, M. C. *O sucesso escolar através da avaliação e da recuperação.* In: EIDELWEIN, Mônica Pagel. (Org). **A Avaliação e o redimensionamento da ação pedagógica.** p.75,76. São Paulo, Editora Ática, 1994.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 8ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MORENO, A. M. **Leitura, escrita e avaliação na educação infantil.** In: **Revista Pátio educação infantil.** P. 13;14. Ano IV Nº 10. Março/ Junho 2006

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

SANT'ANNA, I. M. **Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos.** Petrópolis: Vozes, 1995.

SAUL, A. M. **Avaliação Emancipatória: desafios à teoria e à prática de avaliação e formulação de currículo.** São Paulo: Cortez. 1995.

SÉRGIO, G. **O Dilema da repetência.** In: **Revista Desafio Ipea.** Out, 2007.

VASCONCELOS, C.S. **Avaliação, concepção didática do processo de avaliação escolar.** São Paulo: Libertad, 1994

ZABALZA, M.A. *Os diferentes âmbitos da avaliação.* In: Revista Pátio educação infantil. **Diferentes âmbitos da avaliação.** P:6 Ano IV Nº 10. Março/ Junho 2006.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

Estamos aqui para fazer algumas perguntas sobre o tema relacionado a avaliação da aprendizagem escolar, e, gostaria de contar com a sua participação. Não existem respostas certas ou erradas, apenas gostaria que você fosse sincero (a).

Entrevistas aos professores

Formação _____

Há quantos anos leciona? _____

1- Qual a sua visão sobre a avaliação educacional no Brasil?

2- Avaliar para você é uma tarefa difícil?

() sim () não. Justifique.

3- Como você considera o processo de avaliação?

4- Quais instrumentos que você utiliza para avaliar?

5- Quando você avalia seus alunos aplicando uma prova, para que você avalia e com que objetivos?

6- Imagine a seguinte situação: você aplica uma prova, mas, mais da metade dos alunos tiram nota muito abaixo da média. O que você faz?

7- Qual o papel do professor em sala de aula?

8- Com a avaliação realizada na escola:

- () os alunos que tem dificuldades não avançam;
- () apenas alguns tiram nota alta;
- () não houve aprendizagem;
- () as aulas fáceis, as provas difíceis.

9- Sua prática de ensino contribui para a inclusão escolar dos alunos?

() sim () não

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

Entrevista aos alunos

1-Perguntei-lhes de que forma o seu professor os avaliava;

- individual
- equipe
- em todas as atividades
- provas com datas marcadas
- provas surpresas
- provas e exercícios

2-Ao marcar a data da prova o professor:

- faz questionários para facilitar a compreensão dos conteúdos;
- faz revisão dos conteúdos trabalhados;
- marca os conteúdos trabalhados;
- marca os conteúdos para a prova;
- destaca no livro os pontos mais importantes que provavelmente cairão na prova;
- explica a matéria de forma geral.

3- Como você se sente quando o professor marca o dia e os conteúdos para a prova?

- ansioso
- preocupado
- alegre

4- Qual a sua sensação de está sendo avaliado através de uma prova?